MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

RÚSSIA E CHINA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS À LUZ DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES BILATERAIS

RUSSIA AND CHINA: ECONOMIC TRANSFORMATIONS IN THE LIGHT OF HISTORY OF BILATERAL RELATIONS

IRINA MIKHAILOVA
Professora do departamento de Ciências Econômicas da UFSM
E-mail: irinaufsm@gmail.com

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho foi examinar as transformações econômicas na Rússia e na China à luz da evolução histórica das relações entre os dois países e explicar como estas relações influenciaram caminhos dos países em questão. Procurou-se mostrar que as relações sino-soviéticas não só impactaram, direta e indiretamente, no desempenho das economias socialistas, mas, numa certa medida, estimularam as transformações pós-socialistas nos países. Foram analisadas diferentes estratégias de transição da economia planificada socialista para a economia de mercado: a estratégia gradual dirigida pelo Estado, no caso da China, e a estratégia neoliberal de transformações rápidas, no caso da Rússia. Também, foram revelados os fatores que contribuíram para caminhos diferentes dos países.

Palavras Chave: Rússia; China; Planificação; Estratégias de Transição; Relações Bilaterais

IRINA MIKHAILOVA

ABSTRACT: This article aims to investigate the economic changes in Russia and Chine in the light of history evolution of the relationships between the two countries. Attempt was made to explain how these relationships have impacted the transformation process results. The retrospective analysis has demonstrated that the china-soviets relations influenced, both directly and indirectly, the macroeconomic results as well as stimulated the transformations in these countries. Two different transition strategies from the planned to market economy - the state-directed gradual strategy, in the case of China, and the neoliberal strategy of fast transformations, in the case of Russia, - have been examined. The factors which contributed for the different ways of these countries have been revealed too.

Keywords: Russia; China; Planning; Transition Strategies; Bilateral Relations

INTRODUÇÃO

A Rússia e a China são os dois maiores países do continente eurasiano, os quais percorreram, nas últimas décadas, caminhos de grandes transformações, transitando do sistema socialista para o capitalista. Quando, em 1º de outubro de 1949, surgiu um novo Estado no mapa político, a República Popular da China, ele foi imediatamente reconhecido pela União Soviética (URSS). Por sua vez, a China proclamou a amizade com a URSS como a principal prioridade da sua política externa. No período inicial das relações entre os países, em dezembro de 1949, houve a visita de Mao Tse-tung a Moscou, que durou dois meses e bateu o recorde da duração de visitas oficiais do século XX. Em fevereiro de 1950, foi assinado a Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviético para o período de 30 anos.

Toda a década de 1950 pode ser considerada também como o recorde em sentido da proximidade de relações entre dois países e da unanimidade de suas visões ideológicas. Nunca antes um país tivera tanta influência econômica, técnico-científica e cultural sobre a China como a União Soviética. O próprio Mao Tse-tung batizou os dois países como "irmãos para sempre". Tanta aproximação entre duas grandes potências do campo socialista assustou muito os países

ocidentais. A propaganda ideológica capitalista divulgava persistentemente a tese sobre a grande ameaça "vermelho-amarela" ao mundo livre.

Os dois países têm uma história comum de construção e funcionamento do sistema socialista planificado. A China, quando começou a construir a economia socialista, já tinha como exemplo a seguir o modelo soviético. Além disso, este processo, na China, foi auxiliado pela grande ajuda financeira e técnico-científica do seu vizinho poderoso. Os dois países sentiram a necessidade de reformar os seus sistemas socialistas em direção à maior liberalização econômica, flexibilização da gestão centralizada e abertura comercial. A China, em 1978, e a União Soviética, em 1985, começaram a implementar mecanismos de mercado para reformar suas economias.

Enfim, os dois países, iniciando reformas, não objetivaram a transição para o capitalismo, mas, sim, pretenderam melhorar o socialismo. Em 1990, Chen Duqing, na época cônsul geral da República Popular da China em São Paulo, caracterizando o relacionamento da China com a União Soviética, relatou que

> reconhecendo a diferença nos métodos adotados nos respectivos países, acredito que os dois países estão aperfeiçoando o sistema socialista. Tendo em vista as condições específicas, cada país tem o seu direito a escolher os meios que bem entender (DUQUIG, 1990, p. 7).

Os proeminentes pesquisadores americanos da economia russa opinaram que a transição da Rússia para o capitalismo foi a consequência não antecipada das tentativas das reformas do socialismo iniciadas por M. Gorbachev. Para eles,

> Policies adopted by the Soviet Union when it embarked on the path of reforms were not intended to turn it into fifteen independent capitalist nations. Rather, Gorbachev hoped that *perestroyka* would strengthen socialism by making it more efficient and more humane. The transition to capitalism was a largely unanticipated consequence of the changes initiated by Gorbachev (SCHWARZ et al, 2002, p.2).

A partir daí, os caminhos dos países passaram a ser diferentes. "Dois fatos espetaculares marcaram o final do século XX e tiveram repercussões oceânicas

sobre a economia, a política e a ideologia mundiais: o colapso da União Soviética [...] e a espetacular ascensão econômica da China [...]" (MEDEIROS, 2008, p.1). Nas últimas duas décadas, ganharam espaço no meio acadêmico as seguintes questões estudadas sob perspectiva comparada: a tentativa fracassada das reformas no decorrer da *Perestroika*, na URSS, e o sucesso das reformas econômicas na China; a profunda crise transformacional na Rússia, na década de 1990, e o crescimento acelerado da China; a estratégia neoliberal de rápidas transformações econômicas na Rússia e a de forte controle estatal de transformações gradativas na China.

O presente trabalho visa colaborar com os debates referidos, dando enfoque não somente às estratégias diferentes dos países no período de transição, mas também ao retrospecto do período socialista e à perspectiva atual. O objetivo principal deste trabalho é examinar as transformações econômicas na Rússia e na China à luz da evolução histórica das relações entre os dois países, visando explicar como estas relações influenciaram os resultados das transformações.

Além da introdução, o presente trabalho abrange três seções. Na primeira delas, faz-se análise retrospectiva das transformações socialistas na União Soviética e na China. Em seguida, o trabalho volta-se para a análise das estratégias dos países no período de transição e para a apresentação do panorama atual das suas relações e desafios. O trabalho se encerra com a conclusão.

ZIGUEZAGUES DAS RELAÇÕES SINO-SOVIÉTICAS E TENDÊNCIAS DAS SUAS ECONOMIAS PLANIFICADAS SOCIALISTAS

Após a proclamação da República Popular da China, em 1949, o governo chinês começou a construir a economia centralmente planificada de acordo com o modelo soviético. Foram tomadas em considerações as experiências soviéticas desde o início do processo da planificação estatal. Este processo teve início em

1920, na Rússia Soviética[1], após o período pós-revolucionário do chamado comunismo de guerra. O primeiro plano foi o Plano GOELRO (Plano Estatal da Eletrificação da Rússia), em 1920, o qual garantiu o monopólio estatal sobre a produção e o fornecimento da energia e previu o crescimento acelerado do setor energético, entre outras diretrizes principais. Em 1921, foi fundado o órgão central da coordenação do processo da planificação, o GOSPLAN (Comitê Estatal da Planificação). No entanto, a elaboração da base metodológica da planificação demorou alguns anos. O primeiro Plano Quinquenal (o principal elemento do sistema de planos) foi elaborado para o período de 1928-1932.[2]

No decorrer da elaboração do I Plano Quinquenal, houve grande discussão entre duas correntes contraditórias. Defensores da primeira corrente chamaram-se "genéticos". Eles pensavam que planos devem basear-se na análise de tendências, levar em conta a disponibilidade de recursos e a avaliação da perspectiva econômica. A segunda corrente defendeu a abordagem teleológica, e seus proponentes consideravam a formulação de objetivos e a elaboração das metas de desenvolvimento como a etapa mais importante da planificação. Para o cumprimento das metas, segundo eles, devem ser buscados recursos e formadas novas tendências. Sendo assim, o plano basear-se-ia mais nas diretrizes centrais do que nas previsões científicas. Os proponentes da segunda corrente foram, na maioria, membros do Partido Comunista e os economistas que prefeririam seguir pela linha geral do Partido (ver KARR, 1990; KURNOSOV, 2010).

No final das contas, a corrente teleológica venceu, o que implicou a prioridade de fatores políticos sobre fatores econômicos. A partir daí, formou-se a grande crença de que

[1] A própria União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ou a União Soviética foi fundada mais tarde, em dezembro de 1922.
[2] Análise mais detalhada do período inicial da planificação pode-se ver em KURNOSOV, 2010.

> [...] a econômica soviética pode crescer num ritmo impossível para a economia capitalista. Planificação não deve levar em conta o passado. Devem ser colocadas grandes metas e procurados meios para seu cumprimento (BRUTSKUS, 1995, p.125. Tradução nossa).

Como resultado disso, o processo de planificação centralizada, desde o seu início, submeteu-se à esfera ideológica, tornando-se dependente das decisões políticas, às vezes voluntaristas e não profissionais. Em certa medida, a politização excessiva da planificação econômica, a partir da experiência soviética, foi adotada posteriormente pela China.

I Plano Quinquenal na União Soviética objetivou a industrialização forçada e definiu a prioridade da indústria pesada sobre outros setores da economia. As metas principais, previstas nas diretrizes do plano quinquenal, foram atingidas em quatro anos. A construção da base industrial do socialismo continuou no decorrer do II Plano Quinquenal para o período de 1933-1937, o qual também foi bem sucedido. O resultado principal dos dois primeiros planos quinquenais foi a formação da base material do socialismo. Em 1936, o XVIII Congresso do Partido Comunista da URSS, nomeado *Congresso dos Vencedores*, declarou a finalização, em princípio, da construção do socialismo. Naquele momento, a participação do setor estatal na produção total ampliou-se até 99%. Para comparar, o mesmo indicador, no ano de 1924, contava por volta de 35% (ABALKHIN, 1978, p.3). No entanto, para tal sucesso da economia, os esforços e sacrifícios da população foram grandes. Concorda-se com H. Magdoff, que, numa entrevista, afirmou o seguinte:

> Para cumpri-lo [o plano] requeria-se, em um sentido, uma militarização da economia. A militarização pode ser uma grande palavra, mas a mobilização econômica tomou a forma de uma economia de guerra. Diretores fortes, pressionando as pessoas ao extremo, perseguindo aqueles que não produzissem por várias razões [...]. Da mesma forma, os agricultores foram forçados à coletivização (MONTHLY REVIEW, 2002, p.2).

A história da economia planificada na China, assim como na União Soviética, apresenta-se como a sequência de planos quinquenais. I Plano Quinquenal chinês foi elaborado para o período dos anos 1953-1957 e, nas palavras de um pesquisador russo, "[...] ficou parecido com o I Plano Quinquenal soviético como duas gotas de água: foram colocadas as mesmas grandes metas que entusiasmaram os primeiros construtores do socialismo [...] "(FYODOROV, 2007, p.1, tradução nossa). O I Plano chinês determinou, assim como na URSS,, visando à construção da base material do socialismo, e também foi bem sucedido. No final do período quinquenal, o sistema da planificação centralizada foi, em geral, implementado: doze indicadores macroeconômicos principais foram elaborados centralmente e inclusos nas diretrizes do plano, 80% das receitas totais foram distribuídas centralmente, e os 532 itens de recursos materiais também foram alocados conforme as indicações de órgãos centrais (FYODOROV, 2007, p.2). A industrialização forçada na China resultou em altas taxas de crescimento, as quais foram comparáveis com os mesmos indicadores soviéticos no período da industrialização. A produção industrial chinesa crescia, durante o período do I Plano Quinquenal, com uma taxa média de 18 % por ano. O resultado disso foi o aumento da participação da indústria na produção total de 10 %, em 1949, até 56,7%%, em 1957 (ZHENG, 2004, p. 78).

Os períodos iniciais da planificação, na União Soviética e na China, caracterizaram-se por mais pontos em comum. Empresas de grande porte, em todos os setores, foram privilegiadas em comparação com empresas menores, o que, posteriormente, complicou a gestão da economia tanto na Rússia, como na China. As transformações socialistas no setor agrícola, nos dois países, elas foram realizadas rapidamente sem levar em conta condições locais específicas e por métodos de coerção de agricultores à coletivização.

As relações entre os dois países, neste período da década de 1950, atingiram o seu auge e demonstraram o alto grau de integração econômica. Uma das

formas importantes dessas relações foi a ajuda financeira e técnico-científica soviética. Durante a década de 1950, a URSS concedeu à China empréstimos subsidiados (com taxa de juros duas a três vezes menores do que a taxa de empréstimos que poderiam ser obtidos de países capitalistas) no valor total de 2 bilhões de rublos[3]. Estes empréstimos foram usados para importar máquinas e equipamentos da URSS. Além disso, a URSS prestou para a China assistência para a construção e instalação de objetos diversos de infraestrutura produtiva e social. Durante a mesma década, foram doados à China 24 mil pacotes de documentações técnico-científicas, inclusive 1900 projetos de empresas de grande porte, e cerca de 10 mil de engenheiros e outros profissionais soviéticos (sem contar militares) anualmente trabalhavam na China (INTSUN, 2003, p. 4).

Afirma-se que, graça à enorme ajuda da União Soviética, a China tornou-se, ao longo de uma década, um Estado independente e conseguiu desenvolver setores industriais diversificados e fortalecer o setor agrário. Para a União Soviética, a década de 1950, por sua vez, representou o período da culminação econômica. Essa foi "a década de triunfo e maravilha econômica quando a URSS fazia parte do grupo de países com o crescimento mais rápido no mundo" (KNAHIH, 2002, p.55, tradução nossa). Assim sendo, os dois países em questão revelaram, na época, as vantagens reais de uma economia centralmente planificada e controlada pelo Estado.

Junto às transformações econômicas, na China foram efetuadas mudanças na esfera social (inclusive a reforma da educação), as quais também seguiram, em geral, os padrões soviéticos. A reforma do ensino superior chinês conduziu-se com a participação direta de especialistas soviéticos, graça aos quais, no período de 1951 a 1957, inauguraram-se mais de 300 novos cursos de graduação e mais

[3] Conforme a taxa de câmbio oficial vigente na época, essa quantia correspondia aproximadamente a 3 bilhões de dólares.

de 500 laboratórios científicos Citam-se ainda mais alguns dados que revelam a proximidade das relações sino-soviéticos: na década de 1950, 747 filmes soviéticos foram exibidos na China e 15 mil chineses estudavam na URSS (INTSUN, 2003, p.15).

Entretanto, a amizade entre os dois países logo esfriou. A ajuda da União Soviética passou a ser considerada como interesseira pela China. Em 1960, a URSS chamou de volta todos os especialistas e profissionais que tinha na China. Em seguida, as relações se congelaram. O Tratado de Amizade e Aliança, assinado em 1950, para o período de 30 anos, foi revogado. Em 1969, houve um conflito militar devido à disputa fronteiriça. As causas da chamada ruptura sino-soviética da década de 1960 são bastante estudadas, principalmente por historiógrafos e cientistas políticos. A visão mais reconhecida é de que a URSS pretendia tratar a China como mais um dos seus satélites, ao estilo dos países da Europa Oriental, e os dirigentes da China desejavam um tratamento em condições de igualdade. Conforme pesquisadores russos, a principal causa da ruptura sino-soviética eram as discordâncias ideológicas crescentes. Para eles, as discordâncias se revelaram em questões como as apresentadas a seguir. Um dos pontos de discórdia foi que a URSS defendia a tese da coexistência pacífica, e a China era favorável à ideia da guerra revolucionária permanente[4]. Além disso, a União Soviética demonstrou uma atitude neutra em relação ao conflito entre a China e a Índia, nos anos de 1959 e 1962, o que não foi perdoado pela China. Enfim, os dirigentes soviéticos enxergaram ambições de Mao Tse-tung de ser líder da frente comunista internacional e submeteram estas ambições injustificadas à grande crítica (LAVRENOV e POPOV, 2003, p.337-340).

[4] Os pesquisadores citam a conhecida frase de Mao Tse-tung de que " se a metade da população mundial for morta, a outra metade da população ficará viva, porém o imperialismo será totalmente destruído" (LAVRENOV E POPOV, 2004, p. 338. A tradução do russo é nossa).

No período de congelamento das relações, as tendências econômicas dos dois países sofreram alterações. Mudanças drásticas aconteceram na China. Como resultado direto da chamada Revolução Cultural Chinesa (período de 1966-1976), o sistema planificado tornou-se desorganizado. O desempenho dos III e IV Planos quinquenais fracassou, e a economia retardou. O prejuízo econômico resultante da Revolução Cultural foi avaliado em 500 bilhões de yuanes, e 20 milhões de pessoas tornaram a ser desempregados (LAVRENOV e POPOV, 2003, p. 346). Em 1967, ano posterior ao início da Revolução Cultural, a renda nacional chinesa caiu em 7,4%, e a produção industrial encolheu-se em 13,6 %. Nas palavras de um pesquisador chinês, "a revolução cultural [...] fez com que todo o país mergulhasse num túmulo econômico, social e político" (ZHENG, 2004, p.81).

No mesmo período, a economia soviética começou e se desacelerar (ver Tabela1) e apresentar alguns sinais da ineficiência do sistema planificado. A prioridade da indústria bélica e dos meios de produção, em detrimento dos outros setores, causou a demanda não atendida por vários bens de consumo e serviços. Nos primeiros planos quinquenais, esta prioridade justificou-se como necessária para construir a base material do socialismo e, assim, fora considerada como o sacrifício inevitável para vencimentos futuros. Já no período em questão, a existência desses problemas não poderia ser justificada e, por isso, repercutiu negativamente sobre a motivação dos trabalhadores e a produtividade de trabalho.

Tabela 1 - Taxas anuais de crescimento da Renda Nacional e do Investimento total na economia soviética nas décadas de 1950 a 1970 (em %, média no período)

Indicadores	1951–1960	1961-1965	1966-1970	1971-1975	1976-1980
Renda Nacional	10,2	6,5	7,8	6,3	4,2
Investimento total	10,8	5,4	7,3	6,7	3,7

Fontes: Adaptado de VEDUTA, 2002, p.237.

Vale notar que os gastos estatais soviéticos com a corrida armamentista cresceram ainda mais a partir da década de 1960 devido à escalada da tensão com a China. Naquele momento, até surgiu a ameaça da guerra sino-soviética. As relações bilaterais foram praticamente rompidas. O valor total do comércio entre a Rússia e a China caiu em quase 50 vezes: de 2 bilhões de rublos, em 1959, até 42 milhões de rublos, em 1970 (LAVRENOV e POPOV, 2003, p.344).

Conforme já demonstrado acima, foram significativos os gastos soviéticos com a ajuda financeira e técnica à China, na década de 1950. No entanto, com a cessação destes gastos, na década seguinte, devido à ruptura sino-soviética, intensificou-se a ajuda da URSS aos outros países do campo socialista e aos novos países recém-libertados do colonialismo com vistas a fortalecer o socialismo e obter aliados na possível expansão do socialismo no mundo. Todos esses "custos ideológicos" afetaram negativamente o desempenho interno da União Soviética, juntamente com os outros fatores da desaceleração de economia.[5]

Pode-se dizer que as relações entre os dois países não só impactaram, direta e indiretamente, sobre seus desempenhos macroeconômicos, mas, em certa medida, influenciaram as reformas iniciadas. Devido a discordâncias ideológicas em torno do modelo de "socialismo verdadeiro", cada um dos países visou aperfeiçoar o sistema planificado socialista e demonstrar as suas vantagens. A mais importante reforma econômica no período soviético, antes da *Perestroika*,

[5] Fatores da desaceleração da economia soviética foram analisados em AUTOR, 2011.

foi a de Kosygin[6], lançada em 1965. Pela primeira vez, visou-se introduzir alguns elementos de mercado através do mecanismo de *khozraschet* (comercialização), mantendo inalterada a própria base econômica do socialismo.

Na China, após a morte de Mao Tse-tung, em 1976, deu-se o fim da Revolução Cultural e logo o país passou a desconsiderar a luta de classes sociais como o elo-chave de desenvolvimento e voltou às reformas econômicas na direção de maior liberalização e de maior abertura para o mundo externo. O aperfeiçoamento do socialismo foi visto como a implementação de mecanismos de mercado na gestão econômica. Esta visão apoiou-se e justificou-se na afirmativa de Deng Xiapong de que o planejamento econômico não é a mesma coisa que o socialismo e que a economia de mercado não é a mesma coisa que o capitalismo (PEI CHANGHONG, 2004, p.102). Em 1982, no Congresso do Partido Comunista da China, Deng Xiapong justificou a concepção da construção do "socialismo específico chinês".

Na primeira metade da década de 1980, a taxa de crescimento econômico da China superou a da União Soviética em três vezes e, no período de 1986-1990, o qual foi o período do XII e o último Plano Quinquenal na URSS, a diferença aumentou ainda mais devido ao fato de que, no ano de 1990, o crescimento soviético, pela primeira vez, ficou negativo (ver dados da Tabela 2).

Tabela 2 - Taxas anuais de crescimento da Renda Nacional da URSS e do PIB da China na década de 1980 (em %, média no período)

Indicadores	1981-1985	1986-1990
Renda Nacional da URSS	3,5	1,1
PIB do China	10,7	7,9

Fontes: Dados da Rússia: adaptado de VEDUTA, 2002, p.237. Dados da China: CHANGHONG, 2004, p.101.

[6] Em nome de Aleksei Kosygin, na época o primeiro ministro da URSS. Também é conhecida como a Reforma de Libermann.

Entretanto, as relações entre os países tiveram uma nova virada. Em 1982, o Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, Leonid Brezhnev, no seu discurso em Tashkent, declarou que a União Soviética reconhecia a China como um país socialista e não tinha nenhuma pretensão territorial para com ela. Este discurso marcou o ponto inicial da normalização das relações sino-soviéticas. A aproximação sino-soviética concretizou-se com a visita de Gorbachev, o novo e o último Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, a Pequim, em 1985.

Mikhail Gorbachev iniciou, em 1986, a nova reforma da economia socialista através do processo da *Perestroika*.[7] As medidas da *Perestroika* visaram retomar o crescimento econômico por meio da implementação do "socialismo de mercado" (Gorbachev, 1995). A partir da normalização das relações sino-soviéticas e das reformas parecidas iniciadas pelos dois países, poderia ser esperado que a União Soviética, do mesmo jeito que a China, teria o sucesso na sua reformulação do socialismo. Mas não foi assim. Acontecimentos políticos no país e na Europa do Leste travaram a realização das medidas econômicas previstas pela *Perestroika.* A reforma econômica fracassou. No entanto, ela desencadeou o processo de descentralização política, o que deu início aos movimentos nacionalistas e à destruição das relações econômicas entre as unidades do sistema planificado, o qual acabou sendo desmontado junto com a desintegração da União Soviética, em dezembro de 1991. Os caminhos da Rússia pós-soviética e da China tornaram se diferentes.

TRANSFORMAÇÕES NA CHINA E NA RÚSSIA NO PERÍODO PÓS-SOVIÉTICO E PERSPECTIVAS ATUAIS

As relações entre a China e a Rússia (que passou a ser o Estado continuador da União Soviética conforme ao princípio adotado de continuidade jurídica), no período de transição, vêm sendo desenvolvidas com a tendência de

[7] Na literatura brasileira, uma análise da estratégia de reformas de Gorbachev pode ser encontrada em MEDEIROS, 2011, p.p 20-24.

reaproximação crescente. Em 1994, eles declararam as relações de aliança construtiva e, em 1996, integraram-se na Organização para Cooperação de Xangai (OCX), junto com os três outros Estados asiáticos (ex-repúblicas soviéticas Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão). Em 2001, os presidentes russo e chinês assinaram "O tratado de amizade e cooperação", que foi o primeiro no mesmo gênero desde o ano 1950 e lançou a base estável para o desenvolvimento das relações entre a Rússia e a China no novo século.

A reaproximação econômica e política sino-russa foram acompanhadas pela crescente diferença nos ritmos de crescimento econômico. Se, em 1979, o PIB chinês correspondia a 40% do PIB da Rússia (na época ainda era a República da URSS), em 2007, ele ficou mais do que 400% do PIB russo (KARLUSOV, 2008, p. 2). A década de 1990 foi marcada pela profunda crise transformacional na Rússia e pela ascensão contínua da China (ver dados da Tabela 3).

Tabela 3 - Taxas anuais de crescimento do PIB da China e da Rússia na década de 1990 (em %, média no período)

Indicadores	1991-1995	1996-2000
PIB da Rússia[1]	-12,1	2,4
PIB do China	12,0	8,3

1. Dados do ano 1991 usados para calcular a média são a taxa de crescimento da Renda Nacional da antiga URSS. Fonte: VEDUTA, 2002, p.237

Fontes: Dados da Rússia: elaboração própria a partir de dados de Minekonomrazvitiya. Dados da China: PEI CHANGHONG, 2004, p.101.

O primeiro ano em que a Rússia voltou ao crescimento positivo foi somente o de 1999. No período de 1991 a 1998, a produção industrial encolheu em duas vezes, e o investimento total se reduziu em quase 4 vezes. A profunda contração de indicadores macroeconômicos foi acompanhada pela hiperinflação, quando os preços ao consumidor subiram, neste período, em 4458 vezes (Minekonomrazvitiya, 2003, p.4) e houve excessiva piora de indicadores sociais.

Durante essa crise transformacional, a taxa geral de mortalidade da população russa aumentou em quase 50%, fato assustador para um período pacífico (POPOV, 2007, p. 14).

A questão das diferenças nas tendências de desenvolvimento dos países foi bastante explorada na literatura. Conforme C. Medeiros, as diferencas "[...] deveram-se à coalização do poder político, à concepção estratégica e à forma como a liderança reformista construiu politicamente e administrou os conflitos do processo de mudança" (MEDEIROS, 2008, p.52). Os caminhos dos países foram muito diferentes no período de transição apesar das mesmas experiências no passado socialista e de vários fatores geoeconômicos e geopolíticos comuns no presente. Para D. Kotz, um dos importantes pesquisadores na área de economia em transição,

> Russia in 1991 and China in 1978, despite their similarities as large state socialist countries poised to embark on a market transition, differed from one another in many ways besides their different transition strategies (KOTZ, 1999, p. 8).

As estratégias de transição para a economia de mercado podem ser denominadas como a estratégia gradual dirigida pelo Estado, no caso da China, e a estratégia neoliberal de transformações rápidas, no caso da Rússia. As estratégias incluem quatro políticas. A primeira é a política de liberalização, ou seja, a remoção das restrições governamentais sobre o nível de preços e a eliminação do controle estatal sobre a distribuição de recursos. A segunda é a política de estabilização, ou seja, a condução da política fiscal e monetária adequada no momento. A terceira política, a mais radical, é a privatização e a quarta política refere-se à abertura comercial.

Essas políticas foram conduzidas de jeitos diferentes na Rússia e na China. Na Rússia, as mudanças ocorreram muito rapidamente. Desde o dia 2 de janeiro de 1992, todos os preços foram liberados e saltaram da noite para o dia, desencadeando a hiperinflação. A política monetária restritiva, que visava conter

a hiperinflação, fez com que o indicador de estoque da moeda sobre o valor do PIB caísse de 100%, no ano de 1990, até somente 16%, em 1994 (World Bank, 1996, p.21). Tanta desmonetização da economia levou até a situação na qual alguns bens desempenharam o papel de moeda. Salários com pagamentos atrasados por meses ou parcialmente substituídos pelas mercadorias produzidas na mesma empresa foram comuns na primeira metade da década de 1990. Neste período, o valor total de pagamentos atrasados superou a metade do valor do PIB (MOROZOV, 1997, p.4). Como resultado disso, por volta de 70% de todas as transações na economia efetuaram-se nas formas não monetárias, via escambo (*barter*) (LEBEDEV, 1998, p.28).

A terceira política de estratégia de transição, a privatização, foi conduzida na Rússia com velocidade inesperada e por métodos duvidosos. Sob as condições da desmonetização da economia, da ausência de legítima classe média, da crescente corrupção e criminalização da sociedade, o resultado de tal privatização foi a formação do novo pequeno grupo oligárquico - o único que se beneficiou da privatização da propriedade pública estatal criada pelo trabalho imenso, muitas vezes forçado, dos milhões de pessoas, ao longo de sete décadas soviéticas. Finalmente, a imediata abertura comercial fez com que os produtores nacionais tivessem que enfrentar a concorrência externa antes que eles estivessem prontos para concorrer.

No caso da China, as mudanças foram graduais e mais lentas. A política da desregulamentação de preços foi gradual ao invés de instantânea, ou seja, o Governo manteve o controle sobre os preços de vários bens até o ano 1991, deixando, assim, o duplo sistema de preços durante os treze primeiros anos das reformas. No que tange à política da estabilização, a China, ao invés de conduzir políticas monetária e fiscal rígidas, promoveu a expansão de crédito e o aumento de gasto público com o investimento para a infraestrutura produtiva. O indicador de estoque da moeda sobre o valor do PIB aumentou de 25%, no ano de 1978,

até 89%, em 1994 (World Bank, 1996, p.21). A política de privatização também não foi tão radical como na Rússia. Sendo assim, a China conseguiu evitar a privatização em massa. O governo chinês estimulou a fundação de novas empresas privadas e buscou modernizar empresas públicas já existentes, mantendo a economia mista, de duas esferas, privada e pública, enquanto na Rússia, foram privatizadas empresas antigas estatais, mesmo que fossem ineficientes. Finalmente, a política de abertura comercial foi efetuada na China com sucesso, mas junto à proteção do mercado interno, o que ajudou a preservar a competitividade de produtores nacionais. Uma comparação entre as estratégias é mostrada no Quadro 1. [8]

Quadro 1 - Uma comparação entre a estratégia neoliberal das transformações pós-soviéticas na Rússia e a estratégia gradual dirigida pelo Estado na China

Componentes das duas estratégias	Consequências da estratégia neoliberal na Rússia	Específica da estratégia gradual na China
Liberalização de preços	Hiperinflação	Manutenção de duplo sistema de preços com controle de governo
Política de estabilização	Recessão profunda e desmonetização da economia	Expansão de crédito e o aumento de gasto público
Privatização	Formação do pequeno grupo oligárquico (com pouco benefício para a própria sociedade)	Fundação de novas empresas privadas e modernização de empresas existentes
Abertura comercial	Prejuízo aos produtores nacionais	Proteção de mercados internos

Fonte: Elaboração própria

[8] Pode-se ver análise mais detalhada das reformas na Rússia e na China, numa perspectiva comparada, em WORLD BANK, 2002; KOTZ, 2000, 2005; BLANCHARD e SHLEIFER, 2000; POPOV, 2007, 2009; MEDEIROS, 2008;

A exposição realizada acima das estratégias da China e da Rússia leva às seguintes indagações. Por que as escolhas foram estas? Quais fatores contribuíram para caminhos diferentes dos países em questão? Acredita-se que as escolhas feitas deveram-se à vontade política dos dirigentes dos países naqueles momentos e à combinação dos acontecimentos internos e externos. No que tange à segunda indagação, poderiam ser destacados, a nosso ver, alguns fatores para explicar as diferenças nos caminhos dos países no período pós-socialista, expostos a seguir.

Primeiramente, a China beneficiou-se, numa certa medida, do colapso da União Soviética, e a própria Rússia perdeu. Deixando de lado a análise objetiva dos efeitos do colapso da URSS sobre a Rússia pós-soviética (o tema é muito controverso e foge do escopo do trabalho presente), vale comentar as percepções subjetivas da população. Em 2011, vinte anos depois da desintegração da União Soviética, 50% da população da Rússia avaliaram esse acontecimento como a catástrofe nacional e (ou) global, 29% viram efeitos tanto positivos como negativos da desintegração da URSS, somente 9% consideraram o acontecimento como positivo e os restantes, 12 %, não tiveram uma resposta definitiva (conforme resultados da pesquisa do Instituto de Sociologia da Rússia: INSTITUT SOTSIOLOGII, 2011, p.189). Entre os pontos negativos da vida atual, em comparação com a no período soviético, os mais alegados foram os seguintes: a perda da confiança no futuro e a perda da sensação de segurança (foi indicada por 43% e 35% dos respondentes, correspondentemente); a piora geral no padrão de vida (35%); o aumento da injustiça social (27%); a corrupção (19%); a perda de valores morais da sociedade (18% dos respondentes), entre outros[9] (INSTITUT SOTSIOLOGII, 2011, p. 27).

[9] A soma das versões das respostas supera 100%, pois poderiam ser escolhidas até 3 respostas.

No caso da China, os efeitos do colapso da União Soviética foram positivos. A desintegração da grande potência mundial, a qual era o vizinho próximo da China, acabou com o mundo bipolar e levou a um novo quadro geopolítico mundial. Neste novo quadro, a China obteve o lugar mais privilegiado no processo da integração asiática. Como bem percebe o pesquisador brasileiro, "[...] a China foi a grande beneficiária da erosão bipolar, pois conseguiu explorar as contradições internacionais para consolidar as reformas econômicas" (PAUTASSO, 2011, p.56).

Em segundo lugar, a China conseguiu aproveitar as experiências do sistema planificado socialista, e a Rússia descartou essas experiências. Conforme V. Popov,

> [...] o recente sucesso chinês [...] possui bases nas conquistas do período do governo Mao (1949-1976) – fortes instituições estatais, governo eficiente e aumento do capital humano. Diferentemente da antiga União Soviética, essas conquistas não foram desperdiçadas na China [...] (POPOV, 2007, p.13).

Na Rússia, após a desabilitação dos mecanismos de planificação, houve o seu desprezo ao longo da década de 1990 (o próprio termo "planificação" sumiu da linguagem científica e política). A consciência de que instrumentos de plano e de mercado podem atuar conjuntamente na economia chegou mais tarde, depois da constatação de que "a negação da planificação da economia levou o país a uma armadilha econômica [...] precisa-se repensar [...] a experiência soviética na planificação econômica" (FELDBLUM, 2001, p.5. Tradução nossa).

Em terceiro lugar, fatores políticos devem ser considerados. O forte regime autoritário na China contribui para manter a estrutura institucional necessária para a condução das reformas econômicas. O estabelecimento do fraco regime democrático na Rússia, após a desintegração da URSS, levou ao colapso institucional, o que agravou a crise transformacional. Conforme O. Blanchard e A. Shleifer, diferenças nos caminhos russo e chinês deveram-se ao grau de centralização política. As transformações econômicas na China vêm-se realizando

sob forte controle do Partido Comunista, implicando um alto grau da centralização política, enquanto na Rússia, no período inicial de transição, houve uma grande descentralização política (ver BLANCHARD e SHLEIFER, 2000).

Enfim, a própria lógica das transformações nos dois países predeterminou caminhos diferentes. Na China, as reformas bem-sucedidas começaram no setor agrícola, estimulando a atividade de pequenos produtores. Camponeses chineses estavam muito dispostos a aceitar a terra e tornarem-se os pequenos produtores rurais. Na Rússia, após uma longa história de produção coletiva e de proibição da propriedade privada, poucos quiseram e tiveram coragem, quando as reformas iniciaram, de começar a produção individual.

As relações entre dois países durante a década de grandes transformações, a de 1990, refletiram as mudanças ocorridas. Devido à profunda crise na Rússia, o valor oficial do comércio bilateral vinha diminuindo e chegou ao seu mínimo histórico, 5,5 bilhões de dólares, em 1998. No entanto, no mesmo período, desenvolveram-se as relações econômicas informais. Nas regiões próximas da fronteira, inúmeras trocas foram efetuadas através de milhares de camelôs russos e chinês. Conforme V. Karlusov, nos alguns anos da década de 1990, as estimativas das transações informais chegaram a ser até 80% do valor total do comércio bilateral (KARLUSOV, 2008, p.4).

Desde a retomada do crescimento econômica na Rússia, em 1999, e depois a entrada da China para a Organização Mundial de Comércio, em 2001, as formas decentralizadas das relações econômicas bilaterais foram gradualmente substituídas pelas formas de controle estatal. O valor do comércio bilateral russo-chinês cresceu em ritmo muito mais rápido do que o mesmo indicador referente ao comércio destes países com seus outros parceiros. Já no ano 2001, em comparação ao de 1998, o valor total do intercâmbio comercial russo-chinês duplicou. Na primeira metade da década de 2000, o mesmo valor triplicou, chegando, em 2005, a 29,1 bilhões de dólares (ver dados da Tabela 4). A partir de

2007, a China passou a ter as exportações líquidas para a Rússia positivas (com a exceção do ano 2009). A tendência de intensificação crescente do comércio bilateral foi interrompida só uma vez, em 2009, quando as exportações chinesas para a Rússia caíram em 47% devido à recessão econômica. No entanto, a tarefa de aumentar o valor total do comércio russo-chinês até 100 bilhões de dólares por ano, a qual foi proclamada em "O tratado de amizade e cooperação", de 2001, ainda não foi atingida.

Tabela 4 – Fluxos de comercio internacional entre a China e a Rússia na década de 2000 (em bilhões US$)

Fluxos	2001	2003	2005	2007	2008	2009	2010
Exportações da China para a Rússia	2,7	6,0	13,2	28,5	33,1	17,5	29,6
Importações chinesas da Rússia	8,0	9,7	15,9	19,7	23,8	21,2	25,9
Valor total do intercâmbio comercial russo-chinês	10,7	15,7	29,1	48,2	56,9	38,7	55,5

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de China Statistical Database: www.stats.gov.cn/english

No ano de 2011, completaram-se 10 anos da nova rodada da amizade russo-chinesa. Avaliando esta década de reaproximação, podem ser apontados os seguintes resultados: i) a delimitação da fronteira e a resolução dos problemas fronteiriços restantes; ii) a forte intensificação do comércio internacional bilateral e; iii) a elaboração do Programa de Aliança e Cooperação entre grandes regiões, a Sibéria Oriental e o Extremo Oriente da Rússia e o Nordeste da China, para o período de 2009-2018. Reconhecendo-se as implicações positivas dos dois primeiros processos, cada vez mais aumenta a discussão em torno dos possíveis efeitos do referido Programa sobre a economia da Rússia. Vários economistas e políticos têm visão crítica deste Programa, pois o consideram como mais um

passo para a chamada "chinesação" da Sibéria e do Extremo Oriente da Rússia (FYODOROV, 2011).

Apesar de terem caminhos diferentes, os dois países tornaram-se as grandes potências emergentes, passando por uma nova etapa da aproximação política e econômica. No entanto, existe uma certeza de que

> As relações econômicas internacionais entre a Rússia e a China, no século XXI, não são a retomada de suas relações antigas, mas fazem parte, sim, do novo processo da integração asiática" (KARLUSOV, 2008, p.5. Tradução nossa).

Portanto, onde chegaram os dois países no momento atual? Para esclarecer esta indagação, no que se refere ao tipo de sistema econômico, tem-se que reconhecer que não existe uma visão única e uma resposta determinada nem para a Rússia, nem para a China. No caso da Rússia, é difícil atribuir um termo definitivo ao seu sistema econômico atual. Grigory Yavlinsky, o ex-candidato da oposição para o cargo do presidente da Federação Russa em 2012, na sua tese de doutorado, definiu o tipo da economia russa como uma economia "mista". O termo é dado entre aspas, pois este não tem o significado que a teoria econômica lhe confere. Nas palavras de Yavlinsky,

> Isto é a economia na qual [...] a própria lógica do comportamento ficou mista [...]. Há segmentos com concorrência de mercado e com monopólio puro, mas estes segmentos não determinam a face da economia [...]. Alguns segmentos da economia são dominados pelas forças criminais, outras estão sob pleno controle administrativo [...]. Hoje a atividade econômica [...] se baseia numa mistura eclética de instituições e relações [...] (YAVLINSKY, 2005, p.137. Tradução nossa).

No que tange à China, alguns pesquisadores chineses caracterizam a economia da China como o sistema socialista de mercado (ver, por exemplo, JIRU, 2004). De outro ponto de vista, nas palavras de R. Sawaya,

> O sistema chinês é capitalista porque está constituído dentro [...] da lógica do processo de acumulação ampliada do capital. Na verdade, demonstra que o processo de acumulação do capital tem muito pouco a ver com a lógica do mercado livre [...] Por isso, a economia chinesa não é uma economia de mercado no sentido metafísico do termo (SAWAYA, 2011, p.25).

Qualquer que seja a definição certa do sistema chinês, socialismo de mercado ou capitalismo planejado, esta questão é mais semântica e não importa tanto quanto o próprio modelo de crescimento econômico. O modelo atual de crescimento econômico na China está baseado na alta contribuição de exportações para o PIB, ou seja, voltado para o setor externo, e está fortemente dependente de investimento. Reconhece-se que este modelo cada vez mais se esgota e deve ser modificado. Para sustentar o crescimento econômico no futuro, ele tem que se basear mais no consumo interno. Além disso, algumas mudanças político-institucionais são necessárias. Como concluem Kotz e Zhu :

> [...] a China faces a choice. Either significant changes will take place in China`s current political and institutional structure relatively soon, or the thirty years of rapid economic growth will come to an end (KOTZ e ZHU, 2008, p.31).

A Rússia também, nos dias atuais, necessita mudanças cruciais para sustentar o seu crescimento econômico. Recentemente, foi elaborada a Estratégia de Desenvolvimento Socioeconômico da Rússia, para o período até 2020. Neste documento do planejamento estratégico, reconhece-se que o modelo atual de desenvolvimento está esgotado e propõe-se um novo modelo de crescimento e uma nova política social através de novas reformas em todas as esferas da sociedade (STRATEGIYA-2020, 2011).

Sendo assim, os dois países em questão chegaram ao momento em que há a necessidade de novas reformas, inclusive as transformações econômicas. O fortalecimento das relações entre os países pode auxiliar, em certa medida, as reformas econômicas. A discussão sobre a perspectiva das relações sino-russas gira em torno das duas questões: se a Rússia vai aceitar o sistema sinocêntrico na

integração asiática e a qual das opções internacionais, eurasiática ou ocidentalista, ela vai priorizar (PAUTASSO, 2011, p.54)? Em relação à primeira questão, concorda-se com o autor citado que isso é pouco provável. No que tange à segunda indagação, acredita-se que esta nunca será respondida, pois a Rússia sempre vai ter seus interesses voltados para a Europa e a Ásia ao mesmo tempo, assim como a águia bicéfala do seu brasão tem uma cabeça voltada para Ocidente e a outra cabeça com o olhar para Oriente.

CONCLUSÃO

Os dois países em questão têm um passado comum na sua história de construção e funcionamento do sistema socialista planificado. A China, quando começou a construir a economia socialista, já tinha como exemplo a seguir o modelo soviético. Na URSS, o processo de planificação centralizada, desde o seu início, submeteu-se à esfera ideológica, tornando-se dependente das decisões políticas, às vezes voluntaristas e não profissionais. Em certa medida, a politização excessiva da planificação econômica, a partir da experiência soviética, foi herdada posteriormente pela China. Ao longo do período soviético, a China e a URSS experimentaram fortes oscilações nas suas relações políticas e econômicas, que vêm da grande amizade, passando pela chamada ruptura sino-soviética e pelo longo período de inimizade até o início da normalização de suas relações, em 1982, e finalmente, até o encerramento final, em 1989, o período de congelamento das relações.

Pode-se dizer que as relações entre os dois países não só impactaram, direta e indiretamente, os seus desempenhos macroeconômicos, mas, em certa medida, motivaram as reformas transformacionais. Devido a discordâncias ideológicas em torno do modelo de "socialismo verdadeiro", cada um dos países visou aperfeiçoar o próprio sistema planificado socialista e demonstrar as suas

vantagens. Tanto a China como a Rússia, pensando nas reformas, não objetivaram a transição para o capitalismo, mas, sim, pretenderam melhorar o socialismo.

A partir do início das reformas de transição, os caminhos pós-socialistas da Rússia e da China tornaram-se diferentes. A análise demonstrou alguns contrastes como a tentativa fracassada das reformas, no decorrer da *Perestroika,* na URSS, e o sucesso das reformas econômicas na China; a profunda crise transformacional na Rússia, na década de 1990, e o crescimento acelerado da China; a estratégia neoliberal de rápidas transformações econômicas na Rússia e a estratégia de forte controle estatal de transformações gradativas na China.

No decorrer do trabalho, foram examinados os seguintes fatores que contribuíram para os caminhos diferentes dos países. Primeiramente, a China beneficiou-se do colapso da União Soviética, e a própria Rússia perdeu. Em segundo lugar, a China conseguiu aproveitar as experiências do sistema planificado socialista, e a Rússia descartou dessas experiências. Enfim, as diferenças nos caminhos russo e chinês deveram-se ao grau de centralização política, ou seja, ao forte regime autoritário na China e ao fraco regime democrático na Rússia.

Apesar de terem caminhos diferentes, os dois países atualmente tornaram-se as grandes potências emergentes, passando por uma nova etapa da aproximação política e econômica. A nova reaproximação entre a Rússia e a China, no século XXI, não é a retomada de suas relações antigas, mas faz parte do novo processo da integração asiática a qual, com certeza, terá forte impacto sobre a economia mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABALKHIN, Leonid. Sovetskiy Soyuz "União Soviética". In: *Bol´shaya Sovetskaya Entsiklopediya ("Grande Enciclopédia Soviética").* Moscou: Politizdat, 1978, vol.24, n.2: 1-56. No original: Л.И. Абалкин. СССР. Большая Советская Энциклопедия. Том 24 (2).

BLANCHARD, O. and SHLEIFER, A. Federalism with and without political centralization: China versus Russia. *NBER Working Paper.* 15 de February, 2000, p.1-16.

BRUTSKUS, B.D. *Sovetskaya Rossiya e sotsializm (Rússia Soviética e socialismo).* São Petersburgo: Zvezda, 1995. No original: Бруцкус Б. Д. Советская Россия и социализм. Санкт Петербург: Звезда, 1995.

CHANGHONG, Pei. Revisão e Panorama de Reestruturação Econômica na China. Em: BELLUCCI, B. (org.) *Abrindo os olhos para a China.* Rio de Janeiro. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, v.1, 2004, p.p. 101-110.

CHINA STATISTICAL DATABASE. National Bureau of Statistic's Database. < http://www.stats.gov.cn> Acesso em 20 de maio de 2012.

DUQUING, Chen. Política exterior da China. Em: *Textos do Instituto de Estudos Avançados da USP.* 8 de agosto de 1990. < http://www.iea.usp.br/artigos > Acesso em 1 de maio de 2012.

FELDBLYUM, Vladislav**.** *Besplanovaya Rossiya: k 90 letiyu sozdaniya e 20-letiyu razrusheniya Gosplana SSSR (A Rússia sem Plano: 90 anos da fundação e 20 anos da destruição do Gosplan da URSS).* Forum Nauka i Zhizn, p.p. 1- 4, 23 de agosto de 2011. No original: ФЕЛЬДБЛЮМ, Владислав. Бесплановая Россия: к 90-летию создания и 20-летию разрушения Госплана СССР.Форум Наука и Жизнь, 23 августа, 2011 г.

FYODOROV, Gleb. Chto prinesli Rossii 10 let drujby s Kitaem? "O que 10 anos de amizade com a China trouxeram para a Rússia?" BBC Russian, Moscow, 15 de julho de 2011. No original: Г. Федоров. Что принесли России 10 лет дружбы с Китаем?

GORBACHEV, Mikhail. *Zhizn e reformy (Realidade e Reformas).* Moscou: Politizdat, 1995, 64 p. No original: ГОРБАЧЕВ, М. С. Горбачев. Жизнь и реформы. Москва, Политиздат, 1995.

INSTITUT SOTSIOLOGII. *Dvadtsat' let reform glazami rossiyan (Vinte anos das Reformas sob o olhar da população russa).* Relatório Final, Moscou: Instituto da Sociologia, 304 p, 2011. No original: Институт Социологии Российской Академии Наук. Двадцать лет реформ глазами россиян. Аналитический Доклад, 304 стр., 2011.

INTSUN, Chjao. Ekonomicheskaya pomoshch Sovetskogo Soyuza Kitajskoj Narodnoj Respublike v 1949-1959 godah." Ajuda econômica da União Soviética à China nos anos 1949-1959". Tese de doutorado (em russo). Moscou. Universidade Técnica Estatal. 2003.

Em: biblioteca eletrônica de teses < http://www.dissercat.com > Acesso em 1 de julho de 2012.

JIRU, SHEN. A estratégia internacional chinesa no século XXI. Em: BELLUCCI, B. (org.) *Abrindo os olhos para a China.* Rio de Janeiro. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, v.1, 2004, p.p. 335-370.

KARLUSOV, V.V. Rossiisko – kitaiskie otnosheniya v integratsionnom pole Evraazii.

"Relações russo-chineses no processo de integração da Eurásia". Em: Mirovoe e natsional'noe hozyajstvo. MGIMO. N.2 (5), 2008, p.1-8. No original: В. В. Карлусов. Российско-китайские отношения в интеграционном поле Евразии. Мировое и национальное хозяйство. МГИМО. N.2 (5), 2008.

KARR, E.H. *Russkaya revolyutsiya ot Lenina do Stalina: 1917-1929. (Revolução russa de Lenin a Stalin: 1917-1929).* Tradução do inglês de Chernyakhovskaya, L. Moscou: Inter-

Verso, 1990, 208 p. No original: Карр, Э. Х. Русская революция от Ленина до Сталина, 1917-1929. Перевод с англ. Л.Черняковской. Москва: Интер-Версо, 1990, 208 стр.

KHANIN, Grigory. Desyatiletie triumfa sovetskoi ekonomiki: pyatidesyatye gody (Década de triunfo da economia soviética: anos de 1950). Em*: Svobodnaya mysl´- XXI vek,* n.5, p.p. 50-67, 2002. No original: ХАНИН, Г. И. Десятилетие триумфа советской экономики: годы пятидесятые. Свободная мысль - XXI век, n. 5, стр. 50-67, 2002.

KOTZ, David M. Lessons from Economic Transition in Russia and China. In: BAIMAN, R.et.al (org.). *Political Economy and Contemporary Capitalism: Radical Perspectives on Economic Theory and Policy*, Armonk, NY: M.E. Sharpe, p.p. 210-217, 2000.

KOTZ, David M. The role of the State in Economic Transformation: Comparing the transition expediencies in Russia and China. In: Economic Department Working Paper Series. University of Massachusetts. n.67, 2005, p.1-36.

KOTZ, D. and ZHU, A. China`s Growth Model: problems and alternatives. Working Paper, October 2008, p.1-54. Disponível em: < http://www.networkideas.org/ideasact/jan09/PDF/Andong.pdf >

KURNOSOV, Vasily**.** Kak nachinalos' sovetskoe planirovanie (Como se iniciou a planificação soviética). Em**:** *Izvestiya. Universidade de Economia e Finanças de São Petersburgo,* n.6, p.p. 113-117, 2010. No original: КУРНОСОВ В. В. Как начиналось советское планирование. Известия Санкт-Петербургского Университета Экономики и Финансов, № 6, стр. 113-117, 2010.

LAVRENOV, S. e POPOV, I. Sovetskij Soyuz v lokal'nyh vojnah e konfliktah. "União Soviética nas guerras e conflitos locais". Moscou: Astrel, 2003. No original: С. Я. Лавренов и И.М. Попов. Советский Союз в локальных войнах и конфликтах. Москва: издательство Астрел, 2003.

LEBEDEV, N. Rossijskaya ekonomika v 1998 godu (Economia russa em 1998). Em: *Obshestvo e Ekonomika (Sociedade e Economia),* Moscou, n. 1, p.p. 22-35, 1998. No original: ЛЕБЕДЕВ, Н. Российская экономика в 1998 году. Общество и экономика, № 1, 1998.

MEDEIROS, C.A.de. A Economia Política da transição na Rússia. Em: ALVES A.G. de M.P. (org.) *Uma longa transição. Vinte anos de transformações na Rússia.* Brasília: IPEA, p.p.13-38, 2011.

MINEKONOMRAZVITIYA (Ministério da Economia). *Ob itogah sotcialno-ekonomicheskogo razvitiya RF za 2000-2002 gody (Desenvolvimento socioeconômico da Federação Russa nos anos 2000-2002).* Moscou: Minekonomrazvitiiya, 2003, 182 p. No original: Минэкономразвития. Об итогах социально-экономического развития РФ за 2000-2002 годы. Москва: Минэкономразвития, 2003.

MONTHLY REVIEW. *Criando uma Sociedade Justa: Lições da planificação na URSS & nos EUA*. Entrevista com Harry Magdoff, co-editor da Monthly Review. Vol. 54: 5, p.1-4, 2002. Tradução de Sérgio Ortiz. <http://resistir.info/mreview/magdoff_54_port.html> Acesso em 29 de janeiro de 2012.

MOROZOV, V. Programa stabilizatsii ekonomiki e finansov (Programa da estabilização da economia e de finanças). Em: *Voprosy Ekonomiki (Questões da Econômia)*, Moscou, n.1,

p.p. 3-12, 1997. No original: МОРОЗОВ, В. Программа стабилизации экономики и финансов. Вопросы экономики, № 1, 1997.

PAUTASSO, D. China, Rússia e a integração asiática: o sistema sinocêntrico como parte da transição sistêmica. Em: Conjuntura Austral.Porto Alegre. v.2, n.5, 2011, p.p. 45-60.

POPOV, Vladimir. China's Rise in the Medium Term Perspective: an Interpretation of the differences in Economic Performance of China and Russia since 1949. Em: *Historia e Economia.* Revista Interdisciplinar, vol. 3, n.1-2, 2007, p.13-38, 2007.

POPOV, Vladimir. Lessons from the transition economies. Putting the success stories of the post-communist world into a broader perspective. In: *UNU/WIDER Research Paper.* n. 2009/15. March 2009, p.p. 1-18.

SAWAYA, R.S. China: uma estratégia de inserção no capitalismo mundial. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, n.28, 2011, p.p.5-35.

SCHWARZ, Michael; LAZEAR, Edward; ROSEN, Sherwin. Russia in transition. In: *Harvard Instutute Research Working Paper,* Harvard, n.1982, p. 1- 42, November 2002.

STRATEGIA-2020. *Novaya model rosta i novaya sotsial'naya politika (Estratégia-2020. Novo modelo de crescimento e nova política social)*. Relatório Final. Moscou, 2012, 864 p. No original: Стратегия – 2020. Новая модель роста – новая социальная политика. Итоговый доклад о результатах экспертной работы. Москва, 2011. Disponível em<http://2020strategy.ru/documents/32710234.html > Acesso em 1 mar. 2012

VEDUTA, Elena. *Strategiya e ekonomicheskaya politika gosudarstva. (Estratégia e política econômica do governo)*. Moscou: Vyschee obrazovanie, 2002, 361 p. No original: ВЕДУТА, Е.Н. Стратегия и экономическая политика государства. Москва, Высшее образование, 2002.

THE WORLD BANK. *Transition. The first 10 years. Analysis and Lessons for Eastern Europe and the Former Soviet Union.* The World Bank, Washington, D.C., 2002, 149 p.

YAVLINSKY, Grigory. *Sotsial'no ekonomicheskaya sistema Rossii e problema eyo modernizatsii (Sistema socioeconômico da Rússia e o problema da sua modernização).* Moscou. Tese (Doutorado em Economia), TSEMI RAN, 2005, 348 p. No original: Явлинский, Григорий. Социально-экономическая система России и проблема ее модернизации. Диссертация на соискание ученой степени доктора экономических наук. Москва, ЦЭМИ РАН, 348 стр. Disponível em:< http://www.yavlinsky.ru/said/articles/index.phtml?id=2073 > Acesso em 1 de fev. 2012.

ZHENG, Lu. A caminho de desenvolvimento econômico chinês. Em: BELLUCCI, B. (org.) *Abrindo os olhos para a China.* Rio de Janeiro. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, v.1, 2004, p.p. 75-100.

Recebido em 28 de setembro de 2013

Aceito em 05 de março de 2014